

PISADINHA DO PÉ FIRME: REESCREVENDO OUTROS LETRAMENTOS

Olandiara de Aragão dos Santos¹

Maria Nazaré Mota de Lima²

Resumo: Este artigo apresenta parte da pesquisa, ainda em andamento sobre os eventos e as práticas de letramentos no grupo de samba de roda Pisadinha do Pé Firme. Tem como objetivo relacionar as práticas de letramento existentes no grupo de samba de roda Pisadinha do Pé Firme aos letramentos múltiplos, situando essa discussão numa esfera cultural. Para tanto, dialogaremos com dois autores, Roxane Rojo (2009) e Brian Street (2007), os quais enfatizam o conceito de letramentos múltiplos, para explicar o fato de que, no cotidiano, há uma diversidade de práticas culturais e sociais de leitura e escrita.

Palavras-Chave: Letramentos múltiplos. Pisadinha do Pé Firme. Práticas de letramento.

PISADINHA THE FIRM FOOT REESCRVENDO OTHER LITERACIES

Abstract: This paper presents part of research still in progress about the events and the literacy practices in the samba de roda Pisadinha do pé Firme. It aims to relate the existing literacy practices in the samba de roda *Pisadinha do pé Firme* to multiple literacy, situating this discussion in a cultural sphere. For this purpose, we will dialog with the main authors, in this discussion, that discuss the multiple literacy, namely: Roxane Rojo (2009) and Street (2007), that empha-

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus II. Endereço eletrônico: landyliterata@hotmail.com.

² Orientadora; Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica).

size the multiple literacy, since we have every day a diversity of cultural and social practices of reading and writing.

Keywords: Multiple literacy. Literacy practices. Pisadinha do pé Firme. Literacy practices.

Introdução

A compreensão do ato de ler perpassa experiências de alfabetizar em sala de aula e traz um histórico de práticas envolvendo raciocínio lógico, classificação e memorização de grafemas, estimulando uma habilidade ancorada na escrita, a qual obriga os indivíduos a estarem inseridos numa prática burocrática que exclui saberes outros que estão fora do que foi legitimado.

Percebemos claramente que as práticas de leitura e de escrita estão presentes na vida diária da sociedade. Ler livros, revistas, jornais; pegar o ônibus correto; entender as placas de trânsito; ler receitas; compor uma música ou um poema; fazer uma lista de compras; utilizar caixas eletrônicos e etc. Essas atividades representam as diversas formas de uso da leitura e da escrita; sendo assim, são práticas de letramento.

Ao estudar as práticas de letramento, nos deparamos com um universo muito abrangente, complexo e dinâmico. Essa tríplice adjetivação para o letramento se dá por ser esse estudo muito amplo, uma vez que abrange um amálgama de atividades voltadas para a realidade dos sujeitos que o utilizam. Também porque é um campo em constante movimento, posto que vem tendo novos significados.

Há muitas perspectivas teóricas que discutem conceitos mais amplos de letramento, chamando a atenção para a importância de um letramento multicultural, que abrange outras leituras que não do texto escrito, mas saberes que nascem na oralidade, nas experiências de vida.

Assim, neste artigo, tem-se como objetivo relacionar as práticas de letramento existentes no grupo de samba de roda *Pisadinha do Pé Firme* aos *letramentos múltiplos*, situando essa discussão numa esfera cultural, destacando a tradição oral que carrega o sentido da “palavra viva” (HAMPATÉ BÂ, 1982). Para isso, tomaremos como referência o trabalho de Roxane Rojo (2009) e Brian Street (2007), que enfatizam os letramentos múltiplos, já que temos no cotidiano uma diversidade de práticas culturais e sociais de leitura e escrita. É válido ressaltar que esse texto apresenta parte da nossa pesquisa teórica na construção da dissertação para o mestrado em Crítica Cultural.

Pluralizando o termo letramento

Inicialmente, o termo letramento era unicamente direcionado ao processo de alfabetização, ou seja, letrado era quem dominava a leitura e a escrita baseado apenas nos sistemas gráficos. No entanto, as diversas práticas culturais e sociais foram cada vez mais sendo ressignificadas, e esse conceito de letramento passa a ser insuficiente para abarcar tanta diversidade relacionada à leitura e escrita.

O surgimento de uma palavra advém para nomear um novo fato, ideia ou conceito; para compreender fenômenos emergentes, precisa-se, então, de um novo termo ou utilizam-se palavras antigas, dando novos sentidos a elas. Nesse sentido, Katlen Grando explica que:

E foi nesse contexto que surgiu o termo letramento. Durante a década de 80 emergiram discussões sobre as altas taxas de repetência e analfabetismo no Brasil. Ao proporem uma nova perspectiva sobre o processo que a criança percorre para aprender a ler e a escrever, Ferreiro e Teberosky (1979) contribuíram muito para a reflexão sobre a problemática da alfabetização. Diante de toda a reflexão que ocorreu

na época sobre o analfabetismo, foi necessário encontrar uma palavra que se referisse à condição ou ao estado contrário daquele expresso pela palavra analfabetismo, ou seja, uma palavra que representasse o estado ou condição de quem está alfabetizado, de quem domina o uso da leitura e da escrita (GRANDO, 2012).

Neste texto, utilizaremos também letramentos — no plural — pois há vários modos de se representar os usos de ler e escrever em diferentes contextos sociais, bem como os muitos significados atribuídos às representações da linguagem (STREET, 2007, p.40). Logo, pode-se afirmar que letramento ultrapassa a ação de decodificar. Isso nos faz lembrar as palavras de Paulo Freire (2009) quando diz que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Entendemos que as primeiras leituras não acontecem na escola ou em quaisquer ambientes de alfabetização, mas nas relações entre sujeito e contexto, envolvendo a ideologia do grupo, os saberes da comunidade, o discurso de quem constitui esses grupos, a interferência e a importância desses indivíduos no contexto, ou seja, como os indivíduos moldam e são moldados por esses saberes. Como Paulo Freire, Street nos faz refletir: quais práticas de letramento podem existir para que se entenda o mundo e estar no mundo? O outro pode não possuir conhecimento apenas porque não encontramos nele o que sabemos e o que queremos dele saber. Cada sujeito tem a sua identidade e, portanto, as suas práticas são condizentes com as leituras que esse pode fazer para interpretar o mundo e viver nele.

Nesse contexto, a discussão acerca dos letramentos múltiplos embasa-se em Rojo (2009) e Street (2007), buscando conceituar e apresentar as especificidades desse novo fenômeno das práticas sociais de leitura e escrita.

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p. 99).

Como podemos observar a alfabetização e o letramento não são processos sequenciais, ou seja, a alfabetização não é condição para o letramento, tampouco o letramento, condição para a alfabetização. Assim, se um não é condição para o outro, pode-se dizer que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, assim como ser letrada e não ser alfabetizada. Rojo (2009, p. 98) ressalta que “é possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira”.

A escola, assim como a igreja, a família, o trabalho e a mídia são agentes de letramento carregados de múltiplos letramentos, mas o letramento escolar, burocrático é o que predomina. Assim, percebemos que circulam modelos de letramentos que são mantidos em categorias classificatórias, dissociando os letrados dos não letrados. Nessa perspectiva, Brian Street distingue modelo autônomo, que acontece independente do contexto, e modelo ideológico, carregado de ideias e poder. Esses modelos determinam recursos, currículos, estratégias pedagógicas e, principalmente, estabelecem fronteiras que pretendem definir quem é alfabetizado — letrado e quem não é alfabetizado — não letrado (STREET, 2007.p.39).

Segundo Street (2007), o modelo ideológico reconhece a multiplicidade do letramento e está ligado a contextos culturais específicos. Portanto, na perspectiva ideológica de Street (1993, apud ROJO, 2009) e Street (2007), entende-se que os letramentos múltiplos não só devem ser levados em

conta, mas também necessitam ser trabalhados na escola, tanto os valorizados quanto os não valorizados, assim como os locais e os globais.

O letramento dirige a atenção para a linguagem que envolve a escrita de uma ou de outra forma, buscando nas práticas sociais, valorizadas ou não, uma forma de compreender a leitura como um ato crítico e não apenas pragmático. Enquanto a alfabetização preocupa-se com a aquisição da escrita, o letramento ocupa-se com a linguagem nos aspectos sócio-histórico e sociocultural do aprendizado da língua, posto que esse aprendizado se dá através da relação entre o sujeito e a cultura da sociedade na qual está inserido.

Diante do que foi dito, reiteramos que a leitura e a escrita possuem relação com o social, por isso, os sujeitos são autores e atores de suas palavras e de tudo que trazem consigo, criando, assim, a sua cultura. O uso social da leitura e da escrita decorre dessa forma de encarar a palavra. Então, a existência do texto está entrelaçada com o contexto, ou seja, a linguagem é sempre situada socioculturalmente, na medida em que se materializa em um contexto e é passível de leituras e interpretações.

Sabe-se que a cultura ocidental valoriza a escrita de tal forma que o texto é o guardião de conhecimentos e não as pessoas. Nessa abordagem ocidental as pessoas que não possuem o domínio da escrita e da leitura são desvalorizadas, uma vez que a documentação e os escritos se constituem como o fundamento de tudo, no lugar das experiências vida dos sujeitos, de suas histórias coletivas, da memória social, coletiva e individual e da tradição oral guardada e revivida em cada geração e transmitida dos mais velhos para os mais novos. Os indivíduos utilizam uma gama de práticas de letramento, englobando a oralidade, a escrita e linguagens extraverbais.

Uma mesma pessoa pode exercer diferentes práticas de letramento, já que o cotidiano nos permite participar de diferentes circunstâncias e práticas como agentes e como receptores.

Por exemplo, um analfabeto habitante de zona rural que, todo dia, na hora do “ângelus”, às seis da tarde, senta-se em posição de reverência e lê a Bíblia, folheando lentamente e olhando atentamente, em atitude de prece, e o pastor da igreja pentecostal que lê a Bíblia na TV, entremeando a leitura de seu inflamado discurso, para persuadir os fiéis, ambos, de maneiras muito diferentes—inclusive em termos de alfabetismo — estão inseridos em práticas letradas da esfera religiosa (ROJO, 2009, p.109).

Ainda dentro da pluralidade do letramento, Roxane Rojo apoia-se em “Hamilton (2002, p.4) para classificar os letramentos dominantes de “institucionalizados” e os distingue dos letramentos locais, que serão classificados de “vernaculares” (ou “autogerados”).” (HAMILTON, 2002, p.4. apud ROJO, 2009, P. 112). O letramento institucionalizado, assim como seus agentes, tem mais respaldo na sociedade e são regulados. Essas práticas são gêneros que se originam nas instituições de prestígio na sociedade, como por exemplo, a escrita literária e a científica. Os chamados vernaculares, na concepção de Hamilton (2002) e Rojo (2005), têm sua origem no dia a dia, envolvendo as culturas locais que são deixadas à margem pela cultura pasteurizada e oficial, no entanto, tem em suas práticas singularidades de uma comunidade composta de sujeitos que, têm essas práticas de letramento como desvalorizadas, práticas de resistência, pois se opõem às práticas formais e valorizadas. Os letramentos múltiplos não apagam as culturas locais, ao contrário, possibilitam que os sujeitos participem de práticas de leituras e escritas diferentes. Daí, o termo letramento mostra, mais uma vez, a sua pluralidade, como afirma Roxane Rojo:

[...] os letramentos múltiplos também podem ser entendidos na perspectiva *multicultural* (*multiletramentos*), ou seja, diferentes culturas, nas diversas esferas, terão práticas e textos em gêneros dessa esfera também diferenciados (ROJO, 2009, p. 107).

Corroborando a citação de Rojo, Bakhtin (1952) afirma que são muitas as esferas nas quais os seres humanos podem presenciar e participar do letramento, a saber: esfera científica, jornalística, cotidiana, política, artística. São exemplos de locais que oportunizam múltiplas linguagens, nas quais estão inseridas a leitura e a escrita, de uma ou de outra forma. Nesses eventos são utilizadas práticas de letramento diferentes, conforme a necessidade e a intenção em diversas instituições em que acontecem. Um mesmo texto pode ter diferentes objetivos e significados para diferentes pessoas, a depender de quem lê e da situação, assim como “um mesmo leitor mobiliza diferentes estratégias, saberes e recursos de leitura” (KLEIMAN, 2005.p. 30).

Adiante, traremos informações sobre o samba de roda *Pisadinha do Pé Firme*, como exemplo de um grupo que mobiliza letramentos múltiplos.

Pisadinha do Pé Firme: eventos e práticas de letramento

Quando estudamos as narrativas das cantigas de roda, dos sambas de roda, das cantorias nordestinas e de outras manifestações culturais que fazem parte da tradição oral de uma comunidade, estamos também estudando práticas e eventos de letramento que ocasionaram as mudanças e atitudes das pessoas que moram nessas comunidades. Nesses espaços elas se articulam e produzem saberes e manifestações culturais que preservam a memória viva do povo que ali reside e de seus ancestrais. Então, as pessoas que residem nessas comunidades, consideradas, para alguns, como ágrafas, semiletradas e/ou pouco escolarizadas, buscam nas prá-

ticas de letramento modos e atitudes que possam legitimar suas origens, bem como a memória local e suas manifestações culturais.

É dessa perspectiva de letramento, tomando como campo a comunidade de Irará, que observamos os sinais para interpretar os textos, mais falados que escritos, que permeiam o grupo de samba de roda. Procuramos dialogar entre as narrativas teóricas institucionalizadas e as práticas sociais e culturais de letramentos vividas pelos sambadores e sambadoras.

Como mencionado, um mesmo texto pode mobilizar diferentes leituras, de acordo com as situações colocadas. É interessante saber que as ações são condicionadas a essas situações. Esse impacto que a língua causa na sociedade tem consequências nas relações e nos espaços, modificando-os para essa nova inter-relação. Cada esfera tem suas particularidades no que tange ao uso da língua, do estilo verbal ou não verbal, obedecendo a especificidades de acordo com o contexto. Vejamos:

Segundo Bakhtin (1992 [1952-53/1979]), cada uma dessas esferas de atividade humana é também uma esfera de circulação de discursos e de utilização da língua e “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (P. 279). Há gêneros admitidos e não admitidos, próprios de cada esfera (BAKHTIN, apud ROJO, 2009, P. 110).

A Globalização contribuiu bastante para esse amálgama de linguagens e esferas que temos hoje. São nesses eventos que os discursos são colocados, criticados e, algumas vezes, reelaborados, lembrando que cada discurso será adequado ao local. Contribuindo para essa discussão, Kleiman (2005) afirma que os eventos acontecem coletivamente, sendo os eventos de letramento momentos em que a fala é or-

ganizada dentro das instituições, em práticas extremamente heterogêneas e mobilizando diferentes saberes da escrita (KLEIMAN, 2005.p. 24).

Uma vez que os eventos têm como principal característica a participação coletiva, necessariamente, haverá regras, restrições de acordo com a instituição e o objetivo dessa. Para essas regras, os indivíduos inseridos deverão se adequar, apropriando-se das práticas de letramento que ali circulam.

Situaremos, nessa discussão, o grupo de samba de roda *Pisadinha do Pé Firme*, de Irará, o qual está inserido num movimento cultural, numa esfera artística e cotidiana e, portanto, desenvolve práticas de letramentos que se iniciam desde a oralidade, podendo essa ser organizada ou não para a escrita.

A legitimação do grupo aconteceu de duas formas. A primeira, e a mais “verdadeira e importante” para os próprios participantes, aconteceu no início da formação com os primeiros participantes. Na ocasião eles seguiam andando para pedir doações para a igreja, numa manifestação chamada *Lindro-amô*. A segunda legitimação aconteceu quando o grupo institucionalizou-se como associação. Daí precisou recorrer ao letramento burocrático para registrar o grupo em cartório. Com esses dois exemplos, já podemos constatar que o grupo participou/participa de diferentes eventos de letramento.

Como os membros do grupo carregam um sentimento de religiosidade bem latente, participam ativamente das missas e contribuem com a Igreja Católica nas festas da Padroeira. Apesar de veteranos, em sua maioria não dominam as práticas de letramento que aconteciam nas missas, entendiam o significado da religião, particularizando e reelaborando os sentidos, a partir dos gêneros textuais lidos e comentados pelo Padre.

Assim, decidiram contribuir com os festejos sacros como lhes cabia, com as leituras deles, com as palavras deles. Então, o pequeno grupo foi encarregado, juntamente com o padre da época, de fazer a arrecadação. Eles saíam nas casas da região rural de Boca de Várzea, principalmente, num “peditório”, manifestação conhecida como *Lindro-amor*, trazida de Santo Amaro, pelo Sr. Milton Preto. O objetivo era arrecadar contribuições financeiras para a festa da Padroeira de Irará, Nossa Senhora da Purificação. Além da prática oral, em seu relato, o veterano Sr. Antônio diz que levavam uma “sacolinha” de palha escrito *Nossa Senhora da Purificação*, que evidencia a escrita do nome da santa como uma forma de documentar o evento e o objetivo das contribuições do grupo. Com o nome da santa escrito na sacolinha poderia se concretizar o pedido e legitimar a contribuição.

Compreendemos mais uma linguagem verbal através da cantoria que traz um significado, que é quando o Sr. Gilvan, presidente do grupo, conta a história do Lindro-amor em Irará. Ele se refere à existência de uma lista para serem escritos os nomes dos devotos que contribuíam para as festas da padroeira durante o percurso do peditório. Quem colaborasse tinha seu nome registrado, ou seja, era identificado como participante. Temos aí a evidência de mais uma prática de letramento.

O presidente do grupo conta, ainda, que carregavam a imagem da padroeira com uma coroa dentro de uma bandeja. O símbolo da coroa produz sentidos que remetem o sujeito ao imaginário, à fé e às promessas. Dentro desse evento, observamos algumas práticas sociais de letramento que acontecem desde a linguagem oral até a escrita. O canto *Ô lindro-amor, ô lindra-fulor*, é considerado o hino e o marco inicial do grupo:

Ô lindro-amor, ô linda-fulor
Avejé nossa Senhora é um cravo é uma flor
Avejé nossa senhora é um cravo é uma flor

Eu troco por uma esmola dada de bom coração,
Nesse mundo ganho um prêmio e no outro a salvação
Nesse mundo ganho um prêmio e no outro a salvação

Essa cantoria que se repete várias vezes traduz o sincretismo religioso dos participantes e a vontade de manter a cultura de Irará “viva”, como afirmou o presidente do grupo, que é também compositor ou inventor dos cantos. Para o peditório eles levavam, além de muita alegria e devoção, instrumentos de batuque como tambor e pandeiro. Outro evento de letramento de que o grupo participou/participa são as reuniões. Na maioria das vezes, informais e geralmente se constituem em ensaios.

Citamos que a segunda legitimação do grupo aconteceu quando foi feito o registro em cartório. Para isso, houve uma reunião que foi narrada e registrada numa ata, a fim de “provar” a existência do grupo na linguagem escrita, ao que chamamos de letramento burocrático. Nesse evento, no qual já percebemos práticas de letramento, como a ata e o documento formal, enviado ao cartório, foi nomeado o nome “oficial” do grupo: Pisadinha do Pé Firme, que há alguns anos já tinham se reinventado de *Lindro-amô* para samba de roda. O responsável pelo registro escrito até hoje é o Sr. Maxixe, o qual acompanha o grupo, mobilizando a leitura e a escrita de forma mais burocrática.

Os eventos e as práticas de letramento do grupo não são estanques, eles reinventaram as práticas de acordo com a realidade atual, utilizando meios digitais, para isso, criaram/gravaram um DVD amador contando a história do grupo. O DVD contém as narrativas que traz os significados do grupo, partindo do coletivo para o individual, os cantos, as danças, o figurino e as expressões que recriam a todo o momento a cultura iraraense. Para esse tipo de letramento, abriremos espaço para os letramentos semióticos, posto que:

[...] ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios de semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea (MOITA LOPES & ROJO, 2004, apud ROJO, 2009. p. 107).

Em apresentações, o grupo constrói suas cantorias, figurinos e danças que se constituem em eventos e práticas culturais de letramento, uma vez que expõem seus textos orais para a população que os ouve com atenção e faz, numa mesma situação, outros textos e, possivelmente, outras leituras. Nessas apresentações, as práticas de letramento se dão quando há os registros fotográficos, ou audiovisuais. Dessa prática, são feitos registros para jornais, por exemplo. Em conversa com o presidente, ele diz não se lembrar de nenhum jornal que tenha uma foto ou reportagem deles. Mas, D. Nena, como prefere ser chamada, guarda, até hoje, um folder/panfleto de uma comemoração da cidade de mais de seis anos atrás, no qual há uma fotografia do grupo, da qual ela, inclusive, faz parte. Mais uma vez, percebemos o letramento multissemiótico, que perpassa o texto escrito, ampliando para diversas linguagens, como imagens, músicas, e outros, não apenas o escrito. Nesse contexto, o olhar, o corpo, a entonação, o silêncio também são signos que refletem o modo de entenderem a realidade. Entendemos que os letramentos possibilitam práticas sociais de leitura e escrita que ajudam os sujeitos a conhecerem melhor o mundo e, ao mesmo, tempo, estarem inseridos nessas práticas e eventos como sujeitos autores e atores da cultura local. É o que acon-

tece no grupo quando eles veem a necessidade de gravarem um DVD, recordar e registrar o que eles já sabem e presenciaram. Registram, não para legitimar, mas para participar das práticas digitais que circulam na sociedade e, assim, estarem inseridos nela.

Ao observar as performances do grupo Pisadinha do Pé Firme, percebemos que a transmissão de saber não compete à escrita, pois se trata mais de “um processo multissensorial do que analítico-verbal, sendo, nesse sentido, necessariamente oposto ao uso da escrita como instrumento para a transmissão do saber” (CATILLO, 2008.p.57). Sendo assim, a manifestação do samba de roda acarreta vários sentidos que transcendem a interpretação escrita. “As palavras escritas tornam-se exíguas diante da imensidão de emoções que há na roda, em cada movimento peculiar e verdadeiro do samba de roda. Todo esse conhecimento da cultura popular é veiculado através da oralidade” (PEREIRA, 2008, p.106). Vê-se que oralidade se constitui enquanto prática de letramento. Oralidade e letramento são práticas sociais, culturais e plurais que historicizam as manifestações culturais do grupo *Pisadinha do Pé Firme*.

Considerações finais

Este trabalho ensejou, ainda que em linhas gerais, identificar e relatar as relações existentes entre a cultura popular, retratada aqui no Grupo *Pisadinha Do pé Firme*, e as práticas de letramento que circulam nessa manifestação cultural iraraense.

A partir dos diferentes eventos de letramentos de que o grupo participou/participa, é inegável que a inserção e legitimação do grupo na cultura iraraense aconteceram desde a formação do grupo, a organização dos primeiros participantes ainda no *Lindro-amô*.

A história oral se constitui em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos de uma maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Aos menos privilegiados, ajuda a conquistar, com resistência, a dignidade, autoconfiança e a sua reexistência (SOUZA, XX). Propicia o contato e a compreensão entre classes sociais e entre gerações.

O fato de serem pessoas não alfabetizadas, que passaram longe dos bancos escolares, torna o grupo ainda mais rico, pois em seu conhecimento de mundo, no reavivamento de suas memórias, constroem e reconstróem práticas de letramento para promoverem o grupo. Sem precisar “obedecer” ou estar preso à prática de letramento escolar, o grupo está na sociedade afirmando seu lugar sustentado em sua memória e narrado em suas vozes. Com as práticas sociais de leitura e escrita que os participantes do grupo produzem, eles lêem o mundo e recriam as suas identidades, reescrevendo assim uma história com o formato de cada um, fazendo do samba de roda uma manifestação ritualística que reexiste através da tradição oral e se recria nas palavras mais importantes: a palavra viva.

Referências

BÁ, Amadou Hampaté. Tradição Viva In: *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/ Paris, Unesco, 1982

CASTILLO, Lisa Earl. *Entre a oralidade e a escrita*. A etnografia nos candomblé da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 23-99.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2005.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Percursos da Oralidade e Letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA*. 2008.190f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Departamento de Educação — Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

ROXO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo*, n. 8, p. 465-488, 2007.

SOUZA, Ana Lúcia Silva Souza. *Letramento de resistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo Editorial, 2011.

GRANDO, Katlen Böhm. O letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conhecimento e relações com a escolarização. In: IX ANPED — Seminário de Pesquisa em Educação da Região do Sul. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/ganpedsul/paper/viewFile/3275/235>. Acessado em 21/10/2015.

[Recebido: 25 out. 2015 - Aceito: 20 nov. 2015]